

ROSA ENTRE OUTROS: *O MISTÉRIO DOS MMM*¹

David Lopes da Silva

Resumo: descrição do pouco conhecido romance policial *O mistério dos MMM*, escrito por dez autores (dentre eles, Guimarães Rosa).

Embora não pretendamos a análise longa que merece o interessante texto que Rosa escreveu para o pouco conhecido livro coletivo *O Mistério dos MMM*, para o qual, além dele, nove outros expoentes da literatura brasileira de então escreveram, cada um, um capítulo, totalizando dez, caberá dentro de nosso propósito destacar a relação que Rosa manteve com seus colegas *dentro do livro*.²

Rosa escreve o sétimo capítulo, pegando um enredo de estória policial que já desde o início prometia se complicar cada vez mais. É obrigado a começar fazendo o resumo dos fatos e hipóteses que levaram ao estado em que pegou a trama, nem tanto, talvez, para ajudar o leitor (que já se perdera há muito), mas para que ele próprio pudesse compreender a situação, já que cada autor acrescentava suspeitos (trata-se de um ou vários assassinatos, ocorridos antes do início do livro), cujos nomes em grande parte começavam pela letra “M”, a qual era o maior indício que levaria ao criminoso (ou às criminosas, como seria mais provável, dado que os três “M”s do título referir-se-iam a três mulheres cujos nomes começariam com essa letra).

Rosa, então, tendo percebido e elencado essa profusão de suspeitas, de “M”s, de alternativas possíveis mas pouco críveis, apresenta, do nada, o *seu* personagem, durante o monólogo interior do comissário de polícia, o Dr. Brasil (introduzido por Herberto Sales, no capítulo IV): “Preciso de retomar o fio, ordenar os dados. Preciso de ir ver a Tia Maria...”³

Até então, seja sugerindo saídas, seja citando pela primeira vez o segundo laudo de uma autópsia de que não se falara senão do primeiro, Rosa tentara tornar coerentes os

¹ Capítulo do livro *Enciclopédia jagunça* (Maceió: EDUFAL, 2011).

² CONDÉ, João (coord.). *O Mistério dos MMM*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d. Os dez autores são, pela ordem: Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, João Guimarães Rosa, António Callado, Orígenes Lessa e Rachel de Queiroz. Há poucas obras escritas a várias mãos em nossa literatura, conjunto do qual faz parte *Brandão entre o Mar e o Amor*, romance de Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz produzido em 1942.

³ Op.cit., p.130. Note-se que a edição utilizada é de Portugal, mais fácil de encontrar que a brasileira da Ediouro. (O capítulo de Rosa não consta da edição da *Ficção Completa*, publicada pela Nova Aguilar.)

dados de que dispunha, sem abrir mão de qualquer deles, pois foram seus colegas (e aqui entra a interpretação) que os tinham lhe dado. Por tudo que já ficou atrás dito, poder-se-á inferir que Rosa não iria recusar os dons dos amigos escritores, por mais estranhos que fossem. (Por vezes, parece uma partida de xadrez, na qual os dez autores jogam do mesmo lado, em lances alternados, tentando cada um dificultar ao máximo o lance seguinte, sempre sabendo, dada a confiança em seus parceiros, que o jogo será ganho no final, no décimo lance.)

A Tia Maria, então, entra como uma brincadeira: é mais uma mulher cujo nome começa pela letra “M”, mas que não pode ser suspeita por ser a conselheira do investigador.⁴ Ou, melhor: no momento em que este diz “Preciso de ir ver a Tia Maria...”, o leitor pode até acreditar que a estória descambava para o absurdo, para o *nonsense*, pois a personagem surge do nada, e apenas reaparece (e novamente só pelo nome citado, sem mais, nos pensamentos do Dr. Brasil: “E hoje, desabe o mundo em cal e cimento, suceda mais o todo suceder, não deixarei de ir à casa de Tia Maria...”)⁵ cinco páginas adiante, para realmente entrar na estória, e sabermos sua função de conselheira do policial, muitas páginas à frente.

Além desse humor tendendo à satírico dos textos anteriores, Rosa, no entanto, não deixou de ser também irônico. O capítulo VI, de autoria de José Condé, terminara com um certo Ranulfo de Cavalcanti e Rolemberg telefonando à delegacia para avisar que lá passaria no dia seguinte, pois sabia “tudo a respeito do crime”. Rosa lança mão, então, de “psicologia”, para explicar ao ajudante Soares (que estava no livro desde o primeiro capítulo), porque Ranulfo (que também já era personagem do livro), não teria aparecido como prometera:

Isto é psicológico Soares. Você já devia saber, com tantos anos de batente. Pode ser que se trate apenas de um maníaco, dos que inventam mistificatório de factos e nomes para pretensas delações. Ou alguém torpemente tentado inculpar um inimigo. Ou, ainda, uma simplória tentativa de embarçar as investigações...⁵

“Tentativa” de quem, pode perguntar o leitor nesse contexto, de um personagem ou de outro escritor?

Além disso, embora Rosa nem se incomode de matar as personagens criadas pelos outros - como a Peleguinha (por Dinah Silveira de Queiroz, no capítulo II) e o Jacinto

⁴ Orígenes Lessa, do capítulo IX, diz: “Há muita loura nessa história, muita mulher, muito M...” (p.181)

⁵ Op.cit., p.131.

(por Viriato Corrêa, no capítulo I) -, em contraste com Herberto Sales, p.ex., que dispensa as hipóteses anteriores utilizando ironias grosseiras - seja para com um episódio inverossímil narrado por Lúcio Cardoso (trata-se de alguém ter conseguido lembrar de uma fisionomia vista durante um baile de Carnaval, e ter arrumado, na hora, uma fotografia dessa pessoa para a mesma Peleguinha), seja para com a sugestão de Dinah Silveira de Queiroz para a perna decepada que estava no local do crime ter sido contrabandeada do Necrotério municipal (diz o Dr. Brasil, de Sales, que isso “só em filme de Boris Karloff”), obrigando o autor seguinte (Jorge Amado, do capítulo V) a levá-las adiante, não sem, logo em seguida, tornar Peleguinha confiável por outro ângulo - Rosa normalmente não descarta uma possibilidade já aludida por seus antecessores, mas inclusive atualiza ao máximo as hipóteses que poderiam se originar dos fatos, e mantém-nas em suspenso.

Assim é o caso do telefonema de Ranulfo, que dizia saber “tudo a respeito do crime”, e que prometera ir à Delegacia. As explicações “psicológicas” para seu não-comparecimento devem-se, inclusive, pela inteligência de que, em indo Ranulfo à Delegacia, contaria “tudo” o que saberia, e não restaria nada para ser contado pelos autores dos três últimos capítulos do livro. Rosa apenas difere, então, seu depoimento, mantendo Ranulfo no Recife (o depoimento nem será dado, pois Ranulfo é assassinado entre os capítulos VIII, de António Callado, e IX, de Orígenes Lessa).

Por outro lado, uma das soluções apontadas por Rosa para possível resolução dos crimes será “revelar” que um dos “M”s, na verdade, já é três: a personagem Marialva (introduzida por Herberto Sales, no capítulo IV⁶), chamar-se-ia “Maria Madalena Marialva de Cavalcanti e Rolemberg”⁷, levando adiante uma sugestão de Jorge Amado (capítulo V), que já a chamara de Maria Marialva de Cavalcanti e Rolemberg.

O Mistério dos MMM interessa, também, por pertencer a um processo de criação que não pode depender de planejamento anterior, pois cada autor tem poder apenas sobre o seu capítulo. Embora, como revelara no prefácio “*Sobre a escôva e a dúvida*”, para algumas de suas histórias (p.ex., *A Fazedora de Velas*), Rosa, antes de efetivamente escrevê-las teria já “*ajuntada e meditada a massa de elementos, o teor curtido na idéia, riscado o enrêdo em gráfico*”⁸, o outro modo, de uma história que abre seu espaço já diretamente ao ser escrita, sem depender de elaboração mental prévia (como diz de

⁶ Op.cit., p.73.

⁷ Op.cit., p.139.

⁸ ROSA, J.G. “*Sobre a escôva e a dúvida*”, p.158.

“Campo Geral”, que “*foi saindo já feita no papel, quando eu brincava com a máquina*”⁹, ou de “A volta do marido pródigo”, “*A menos ‘pensada’ das novelas do ‘Sagarana’ [,] a única que foi pensada velozmente, na ponta do lápis.*”¹⁰), é o que mais se aproxima da produção do livro coletivo.

Enfim, Rosa, contente do texto resultado, não se contém em dizer que Soares “não se conteve”¹¹, ante o inusitado desfecho, “e, para imprevista e geral hilaridade, proferiu, grave, intenso:

“- Bem bolado!...”¹²

⁹ Ibid.

¹⁰ ROSA, J.G. “*Carta de Guimarães Rosa a João Condé, revelando segredos de Sagarana*”. p.9.

¹¹ E note-se que “Soares” era o prenome de um dos heterônimos de Rosa, “Soares Guimaraes” (cf. GALVÃO, W. “Heteronímia em Guimarães Rosa”)

¹² CONDÉ, João (coord.). *O Mistério dos MMM*, p.148.